

Gabriel da Cunha Melo

9º ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA

Grupo de Trabalho 22

O ESTÁGIO DOCENTE COMO ESPAÇO FORMATIVO: PARA ALÉM DA
FORMALIDADE, A ESCOLA COMO UNIVERSO COMPLEXO E INTERSECCIONAL

JUVENTUDE E DOCÊNCIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO DE
SOCIOLOGIA NA SALA DE AULA

São Paulo/SP

2025

JUVENTUDE E DOCÊNCIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO DE SOCIOLOGIA NA SALA DE AULA

Gabriel da Cunha Melo ¹

RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido a partir da experiência de estágio supervisionado na docência de licenciatura em ciências sociais em um colégio particular (colégio A) e colégio público (colégio B) de ensino básico, na qual foram acompanhadas as disciplinas de sociologia e estudos socioemocionais. Dito isso, a metodologia possui abordagem qualitativa, a partir da observação participante, em paralelo a revisão de literatura voltada à temática da educação emancipadora e juventudes. Outrossim, é apontada a relação docente/discente e a leitura da realidade feita a partir da minha experiência enquanto professor e jovem, um pouco mais velho que os (as) estudantes, em média 3 anos, e como isso se manifestou através dos diálogos e comportamentos no ambiente escolar, analisar os desafios e possibilidades em sala de aula. Por fim, é partindo do conceito de “confluências” onde mundo diferentes se chocam e confluem como rios alimentando uma experiência enriquecedora (BISPO, 2023) que é possível enxergar a dinâmica em sala de aula como um espaço para confluências, onde diferentes pessoas, de diversos contextos sociais, atravessadas por marcadores sociais de gênero, raça, classe, sexualidade e identidade de gênero podem contribuir para o aprendizado. Se faz necessário, pensar os discentes enquanto sujeitos ativos e cidadãos que possam questionar o sistema e serem autônomos, pois a domesticação dos corpos e alienação das mentes deve ser superada, assim como a educação bancária.

Palavras-chave: Docência; Educação; Juventude; Sociologia.

INTRODUÇÃO

A formação político-pedagógica de graduandos em licenciatura atravessa alguns aspectos particulares, principalmente em relação às ciências sociais, na qual são ofertadas disciplinas do campo da sociologia, antropologia e ciência política, assim como didática, libras e outras disciplinas relacionadas à prática docente. Dessa forma, em certo momento no curso é necessário ir a campo, ou seja, a sala de aula para observar e responder questões do tipo: “Como ocorre o trabalho do cientista social no cotidiano?”, “Como se aplicam os aprendizados da universidade no ensino básico?”, “Quais são os gargalos do ensino de sociologia e do sistema educativo?” e “Quais metodologias são mais eficazes?”.

¹ Mestrado do Curso de Planejamento do Desenvolvimento da Universidade Federal do Pará - UFPA, Licenciado em ciências sociais pela Universidade do Estado do Pará – UEPA, Branco, Homem Cis, Castanhal/Pará, gabrielcmelo1312@gmail.com;

A disciplina “Estágio Supervisionado em Prática Pedagógica Aplicada às Ciências Sociais II” surgiu para contemplar a necessidade da prática na graduação e possibilitar também ministrar aulas com supervisão do professor. Sendo assim, foi feito o relato a partir de uma perspectiva crítica sobre as experiências vivenciadas no estágio em um colégio particular onde a professora formada em ciências sociais ministrava aulas para o ensino fundamental de estudos socioemocionais e para o ensino médio de sociologia, esse colégio é um dos mais conhecidos na cidade de Castanhal - Pará e possui foco no Exame Nacional do Ensino Médio, chamaremos ele de “Colégio A”.

Também foi acompanhado um colégio estadual de ensino médio na mesma cidade cuja era ofertada a disciplina de sociologia e também quem ocupava a cadeira da disciplina era uma docente formada em ciências sociais, esse colégio será chamado de “Colégio B”, ambos no ano de 2023 quando eu havia 20 anos de idade.

Dito isso, o objetivo é fazer uma comparação entre o colégio A e o colégio B em relação a infraestrutura, conteúdo programático, metodologia dos docentes, perfil dos alunos e os debates existentes em sala de aula. Não menos importante, também apontarei como me situo nesses dois espaços, enquanto um graduando de licenciatura em ciências sociais que estudou no colégio A e tem pequena diferença de idade dos estudantes, ao ponto de ser confundido com eles pela direção, coordenação e portaria das escolas.

De antemão, a aproximação de faixa-etária possibilitou conexões e liberdades para tocar em temáticas sensíveis, muitas delas “tabus” até mesmo em aulas de sociologia como homoafetividade, drogas, debates sobre política e relacionamentos. Discutir sobre essas temáticas que atravessam a vida de jovens e adolescentes se faz necessário para gerar reflexão, conscientização e respeito. Renegar debates importantes e marginalizá-los em um espaço educativo impede o desenvolvimento do pensamento crítico e pode até mesmo, adoecer psicologicamente os (as) alunos (as).

O ambiente escolar, local onde muitos estudantes passam metade de seus dias de segunda a sexta, necessita ser construído enquanto um espaço de acolhimento e respeito às diferenças, na qual aqueles que ali estão sintam-se plenos para descobrirem-se profissional e pessoalmente. O afeto e a intimidade na relação professor/aluno possuem significativa importância para o processo de ensino-

aprendizagem pois possibilita que ocorram momentos de diálogo durante as aulas que são enriquecedoras, assim como amizade, e alivie a tensão que é gerada pelo vestibular, provas e afins.

Urge repensar os atores sociais que integram a sala de aula, não é mais suficiente pensar nos alunos enquanto repositório de informações e professores, os sujeitos que detém todo o conhecimento, tal qual a educação bancária (FREIRE, 1974). Para complementar, o intelectual Antônio Bispo dos Santos (1959-2023) também conhecido como Nêgo Bispo desenvolveu o conceito de “Confluências” (BISPO, 2023) enquanto mundos diferentes que se chocam e podem convergir como rios, cada um em sua particularidade, alimentando uma grande experiência enriquecedora que gera vida.

É possível fazer uma analogia onde rios são alunos, eles sendo diversos, potentes, criativos, habitando em diferentes contextos e capazes de gerar novos conhecimentos e ao confluírem no ambiente escolar, engrandecem o processo de ensino-aprendizagem ao compartilhar experiências e curiosidades.

Em paralelo a isso, é importante enxergar a dinâmica de sala de aula também enquanto um espaço para confluências, cujo diferentes pessoas, de diferentes contextos sociais, atravessadas por diferentes marcadores sociais da diferença como gênero, raça, classe, orientação sexual e identidade de gênero podem contribuir e enriquecer o aprendizado. Se faz necessário, pensar os alunos enquanto sujeitos ativos e cidadãos que possam questionar o sistema e serem autônomos, pois a domesticação dos corpos e alienação das mentes deve ser deixada no passado, assim como a educação reacionária e conservadora.

A domesticação para Foucault ocorre quando “Um corpo é dócil quando pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado.” (FOUCAULT, 2014, p. 134). Dessa forma, uma educação transformadora precisa romper com esse modelo, isso é possível através do pensamento crítico que gera autonomia e consciência de si e do mundo ao seu redor.

Enfim, o estágio em sala de aula possibilitou vivenciar e observar situações interessantes, algumas lamentáveis e outras belas possíveis de gerar reflexão como “Quem são os futuros educadores que estão em formação atualmente e o que eles têm a contribuir?” Visto que seus alunos estão cada vez mais informados, devido ao fácil acesso à internet, por outro lado muitas vezes são informações acríticas, desconexas, desorganizadas e descontextualizadas.

METODOLOGIA

Partindo do pressuposto de Minayo (1996) o trabalho possuirá uma abordagem qualitativa que se caracteriza por pesquisar o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, tudo isso engloba a realidade social e dialoga com aspectos da subjetividade que não podem ser quantificados. Sendo assim, o *locus* dessa pesquisa é o ambiente escolar, principalmente a sala de aula, na qual ocorreu a observação participante com os registros em um caderno de campo.

Foi possível analisar a partir dessa metodologia escolhida as relações existentes desde as interpessoais até as hierárquicas, essa última se organiza através do conhecimento, na qual ocorrer a sobreposição de determinados saberes sobre outros e prevalece a compreensão no ambiente escolar de que adolescentes são “tábulas rasas” (MELLO, 2002) enquanto adultos são sujeitos completos e consolidados pela maturidade.

Destaca-se que assim como a ciência não se apresenta enquanto neutra, esse trabalho também não é. Disto isso, coloca-se em oposição a metodologias de ensino cristalizadas pelo conteúdismo e hierarquias onde o professor está acima do aluno e é detentor de todo o conhecimento. É defendido a partir das leituras e experiências que a educação necessita contemplar a diversidade da sociedade, respeitar as diferenças e colocar-se em posição contextualizar para dar conta da realidade dos alunos.

Depois de muita mistificação sobre a ‘neutralidade científica’ e suas implicações, o sociólogo redescobre que a explicação sociológica, ao nível macro histórico, não pode ser dissociada do pensamento crítico e de uma posição militante sem se perverter. (FERNANDES, 1976, p.125)

A sociologia é essencial para repensar a educação enquanto um espaço de criativo e crítico, que questiona o sistema e busque alternativas, para além de uma educação disciplinadora, se faz necessário reivindicar uma modelo de aprendizagem emancipador. Logo, serão utilizadas como referências os estudos de Paulo Freire e contribuições do pensamento crítico decolonial como de Nego Bispo, assim como estudos que abordem a temática da juventude e suas complexidades.

Não menos importante, os momentos de diálogo e atenção junto aos alunos baseados na horizontalidade possibilitaram que essas informações fossem registradas de forma sensível e rigorosa, entendendo a complexidade da realidade e as melhores formas de interferências.

A MARGINALIZAÇÃO DA JUVENTUDE NO AMBIENTE ESCOLAR

Historicamente, a juventude demonstra-se enquanto protagonista dos grandes movimentos transformadores do país e ela tem sido centro de discussões na contemporaneidade. A técnica de planejamento e pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) Luseni Aquino afirma que a juventude é lida pela sociedade brasileira de duas formas: pela via do “problema” onde os jovens são ligados à desordem social e pela via da fase transitória. Isso pode inferir que o processo de socialização busca produzir estabilidades e indivíduos produtivos para o sistema, na qual necessitam incorporar elementos socioculturais durante essa fase “transitória” da vida (AQUINO, 2009, p. 22).

É importante destacar a necessidade de não enxergar momentos da vida como infância e adolescência como “momentos em que se sabe menos” e fase adulto como “momentos em que se sabe tudo” pois o debate não necessita ser quantitativo, mas qualitativo. Em outras palavras, não se conhece mais ou menos, se conhece outra coisa e necessita ser um conhecimento sistematizado para que possa contribuir a todo coletivo social.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2023, apontam que a juventude brasileira entre 15 e 29 anos representavam 40% da população total e a região norte é a mais jovem do Brasil levando em consideração as pessoas com até 29 anos. Um outro dado alarmante do mesmo ano é que 21,2% dentro dessa faixa não estudavam, nem trabalhavam, os chamados “nem-nem”. Entretanto, felizmente em 2024, o patamar reduziu para 4,9%, o menor desde 2012. Dessa forma, é necessário olhar as demandas desse público, que tem enfrentado desafios, enquanto particularidades no que tange a acesso à educação, lazer, mercado de trabalho e afins, entendendo as desigualdades de gênero, raça, região e outras para superá-las.

Outrossim, a pandemia da COVID-19 que começou em 2020, agravou as desigualdades e transpareceu as fragilidades do sistema capitalista que não dá

conta de solucionar os problemas gerados por si mesmo a partir da acumulação de riquezas em diálogo com a herança histórica da colonização no Brasil que afeta ainda hoje as populações negras e indígenas colocando-as à mercê das políticas públicas e da ação efetiva do Estado.

A juventude multifacetada dentro desse contexto nacional é inserida em situação de vulnerabilidade socioeconômica com poucas medidas propriamente consolidadas para enxergar as suas especificidades. Paralelamente a isso, é preciso dizer que as juventudes são heterogêneas e possuem complexidades de vivências e saberes, cada uma vive a sua experiência comunitária e estudantil de uma maneira e as políticas sociais necessitam de sensibilidade nesse sentido.

Importante medidas para solucionar as problemáticas desse público foram criadas pelo governos progressistas dos anos 2000, entre elas a criação da Secretaria Nacional de Juventude e o Conselho Nacional de Juventude (CNJ), ambos em 2005 a fim de construir coletivamente políticas públicas, algumas em caráter emergencial, para inserir efetivamente e com qualidade os jovens no “mundo adulto”.

É relevante levantar a realidade das juventudes para possibilitar a contextualização das suas falas e vivências no ambiente escolar. As aulas necessitam dialogar com o local em que esses indivíduos vivem para que assim possam relacionar teoria e prática e possibilitar transformação social.

Um exemplo sobre a necessidade de adequar o conteúdo a ser ensinado ao contexto em que os alunos estão inseridos, foi quando tive a oportunidade de dar aula sobre sociologia do meio ambiente e ao invés de abordar exclusivamente como as mudanças climáticas afetam as geleiras que estão derretendo pelo aquecimento global, busquei abordar como no território amazônico essas mudanças afetam o açaí, a pesca, alagamento de ruas e a seca dos rios.

Essa representação mais próxima da realidade discente possibilita a sensibilização com a temática e a necessidade de rever posturas, posicionamentos políticos e valorização do próprio bioma e de suas riquezas naturais e epistemológicas. Dito isso, a temática se manifesta urgente nos contextos dos discentes que sentem em seu cotidiano os impactos dos eventos climáticos extremos.

É importante ser levado em consideração no planejamento pedagógico e na reflexão das relações interpessoais no ambiente escolar e na sala de aula como os

diferentes marcadores sociais da diferença interagem e se projetam nos discentes. De forma direta e aparentemente simplista, mas complexa de se aplicar Bell Hooks aponta o diálogo como o caminho possível para superar essas barreiras e transgredir a educação convencional e apática.

A prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, como professores, acadêmicos e pensadores críticos, podemos começar a cruzar as fronteiras, as barreiras que podem ou não ser erguidas pela raça, pelo gênero, pela classe social, pela reputação profissional e por um sem-número de outras diferenças” (HOOKS, 2017, p.174)

É importante que exista na sala de aula a troca de conhecimento entre professor/aluno e aluno/aluno para reforçar o respeito as diferenças e as múltiplas vivências que podem ser partilhadas na aula de sociologia que estuda justamente as relações humanas e seus fenômenos sociais. O ambiente escolar pode ser o primeiro lugar onde muitos irão se descobrir, estruturar seus sonhos e alçar voos, mas para isso é importante ser criado um espaço propício para esse tipo de manifestação.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: ESTÁGIO DOCENTE SUPERVISIONADO

Como já foi dito, a pandemia acentuou as desigualdades e dados do IBGE de 2021 apontam que 28,2 milhões de brasileiros com 10 anos ou mais não têm acesso à internet, os chamados “excluídos digitais”, isso é referente a 15,3% da população nesta faixa-etária. É possível refletir sobre esse dado e seu impacto quando se relaciona ao ensino remoto durante a pandemia que até hoje deixa sequelas na vida dos estudantes.

O ensino remoto dividiu mais ainda a desigualdade entre aqueles que detém ou não oportunidades de acesso ao ensino de qualidade e práticas de resiliência, muitos alunos durante o meu estágio relataram a ausência de aulas, dificuldade no acesso das atividades e questões psicológicas nesse período. Destaca-se que o ensino público do colégio B foi mais afetado pela pandemia, o ensino de sociologia sofreu gravemente ao ponto de não ter aulas e atrasar o conteúdo.

Enquanto isso, no colégio A foi possível observar que apesar das dificuldades enfrentadas durante a pandemia, existiram mais mecanismos para reestruturação do

conteúdo de ensino e superação das dificuldades, além do colégio possuir uma equipe psicopedagógica de amparo aos alunos que necessitam de maior atenção.

Para introduzir propriamente sobre a relação criada com os alunos, é necessário dizer que o perfil dos alunos do Colégio A é majoritariamente brancos e pardos e entre 13 a 17 anos, pois acompanhei turmas do ensino fundamental ao médio, também é importante dizer que existiam alunos bolsistas. Enquanto, o colégio A pode ser definido como classe média e tamanho das turmas medianas, o colégio B pode ser considerado classe baixa e de turmas medianas também com perfil de alunos majoritariamente negros, entre 16 a 18 anos, nesse caso acompanhei somente com turmas de terceiro ano do ensino médio.

No que se refere a infraestrutura que implica no conforto e processo de ensino-aprendizagem dos alunos, o colégio A oferece salas confortáveis com ar condicionado, um *lpad* com acesso à internet para projeção de slides ou audiovisuais na TV, ginásio e atividades extracurriculares como robótica, gastronomia, *ballet* e *karatê*, suas provas já são estilo ENEM com aulas em alguns sábados para complementar o conhecimento.

Na escola B, a infraestrutura é precária, contudo ressalto que o colégio estava em reforma, as salas tinham ar condicionado, mas não funcionavam e necessitava de um ventilador de pé para refrigerar o ambiente. Foi possível também observar que as aulas não eram bem planejadas e conteúdos “atropelados”, por exemplo estudaram movimentos sociais antes da divisão social do trabalho.

Os alunos do colégio B reclamavam para mim da omissão de alguns professores com as turmas, pelos trabalhos superficiais e ausência de aulas em alguns momentos. Por isso, aqueles alunos que não trabalhavam no contra turno, alguns deles faziam cursinho para complementar o aprendizado ou até mesmo como principal fonte de conhecimento básico formal. Nesse colégio, tive a oportunidade de ministrar diversas aulas como nas temáticas de movimentos sociais, cidadania e sociologia do meio ambiente e muitos deles tiveram o primeiro contato com a temática naquele momento, enquanto deveriam está em fase de revisão do conteúdo.

Os jovens e adolescentes de ambos os colégios ao me verem na sala de aula, buscavam conversar comigo, ficavam curiosos sobre o que era o curso de ciências sociais, como funcionava a universidade e isso possibilitou uma aproximação ao ponto de pergunta sobre por exemplo “Você é a favor da

legalização das drogas?” Fiquei com receio de responder e gerar polêmica e busquei contextualizar a realidade do Brasil em relação à política de drogas e segurança pública, isso fez com que eles refletissem sobre o assunto.

Também foi possível observar, que o *bullying*², extremamente presente durante a minha fase de ensino médio no colégio A, era praticamente inexistente em ambos os colégios. Os próprios alunos, ainda que possuíssem divergências políticas e ideológicas assim como, valores morais diferentes, se respeitavam e isso não se tornava um clima de constrangimento nas aulas.

No que se refere a diversidade de gênero e sexualidade, foi possível observar nessas experiências que os alunos (as) estão se descobrindo na adolescência com maior tranquilidade e possibilitando viver uma vida em plenitude, na qual podem se expressar através de roupas, dialeto e expressões artísticas.

Exemplo disso, ao entrar na turma de 9º ano no colégio A, a professora me informou que existia um aluno não binário e que na lista de presença estava o nome de batismo e nessa mesma turma no meu último dia de estágio outro aluno me informou que o seu nome não era mais o que estava presente na lista, pois se identificava de outra forma. Dentro desse contexto, todos os colegas respeitaram seus respectivos nomes sociais, enquanto para alguns professores essa adaptação foi difícil.

O respeito prevaleceu no que tange aos nomes sociais e pronomes, sem fazerem piadas ou ofensas. O pedagogo Paulo Freire (1921 - 1997) e patrono da educação no Brasil em sua vida e escritos, defendeu uma educação libertadora e a prática do “esperançar” em atitudes, disse que somente as pessoas através da educação são capazes de mudar o mundo e pode-se inferir que o respeito nessas pequenas atitudes relevantes, já são práticas revolucionárias dentro dos espaços de ensino em defesa de um mundo mais justo e igualitário em respeito e direito para todos (FREIRE, 1974).

No colégio B, a temática racial era bastante importante para os alunos, por isso e também por acreditar que é necessário fugir do cânone das ciências sociais para diversificar as perspectivas, sempre buscava dialogar a visão dos teóricos clássicos como Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim com intelectuais latino-

² qualquer ato de violência, seja física ou psicológica, que seja intencional, repetitivo e sem motivo aparente, praticado por um indivíduo ou grupo contra um ou mais indivíduos

americanos e negros por exemplo Achille Mbembé, Vilma Piedade, Grada Kilomba, Guerreiro Ramos e outros.

Em ambos os colégios, surgiram questões sobre política, enquanto no colégio B os alunos se colocavam mais à esquerda, no colégio A as turmas eram divididas, destaco que não haviam piadas ofensivas e qualquer comentário de duplo sentido ou mal intencionado era rapidamente repreendido pela professora. De modo geral, sobre todos os “tabus” impostos pela sociedade e pela moral, os alunos que são jovens e adolescentes se mostram abertos ao diálogo e dispostos a respeitarem as suas diferenças, em sua maioria.

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de estágio docente supervisionado em colégio público e privado se fez necessário para entender na prática as desigualdades de acesso ao ensino e das potencialidades existentes na educação pública. A realidade dos estudantes que trabalham se mostrou mais recorrente na escola pública e isso é uma dificuldade para os alunos e muitas vezes ir para a sala de aula e encontrar infraestrutura precária, professores insensíveis com a realidade pode desmotivar o indivíduo a permanecer estudando.

Adequar o conteúdo programático e o sistema de ensino para a realidade local do colégio e de seus discentes pode ser uma estratégia para tornar a educação mais atrativa e potencializadora de transformação social a partir dos indivíduos que por ela são atravessados.

A realidade vivida pelos estudantes do colégio A apresenta uma educação exemplar, respeitosa e que dá conta da aprovação nos vestibulares, acredito que um dos fatores que podem influenciar nisso é a interação e proximidade do professor e aluno que vem do ensino fundamental e se consolida no ensino médio. Não generalizo as situações, ou seja, que todas as escolas particulares são boas e todas as públicas são ruins, a partir das experiências nesses dois ambientes é possível fazer críticas e ressaltar potências.

Um modelo de ensino que centraliza somente na aprovação dos alunos no vestibular, se furta a discutir cidadania de maneira ativa, a responsabilidade com a qualidade de vida e bem-estar dos discentes. Ratifica-se que estudantes não são

máquinas e não devem ser docilizados, eles possuem aspirações individuais, sentimentos e curiosidades que serão expressadas nos colégios e tudo isso deve ser dialogado de forma respeitosa quando existir a possibilidade.

Foi satisfatório poder trocar experiências com alunos e saber que confiam em mim para tocar em assuntos “tabus” sem medo de serem punidos, essa confiança deveria ocorrer de maneira geral dentro do colégio e uma das hipóteses que levanto é que devido a minha idade e a forma que me expesso, me comunico e me visto, eles se sentiram mais confortáveis para abordarem temas “polêmicos” e relevantes para os jovens.

Outrossim, essa aproximação entre eu e os alunos possibilitou que uma aluna se assumisse bissexual para mim, o que ainda era segredo para maioria das pessoas, isso me girou um misto de emoções. Em síntese, gratidão e surpresa, mas acredito que a escola precisa ser esse espaço aberto ao acolhimento e descobertas, ao diálogo construtivo e de respeito, um espaço no qual todos possam desenvolver suas habilidades e personalidade em plenamente, sem medo ou receio de julgamentos.

A figura do professor, necessita ser uma figura de confiança, principalmente de sociologia que aborda temas do cotidiano da sociedade e deve buscar desenvolver o pensamento crítico dos alunos e formar cidadãos ativos que compreendem a interação ao meio social em que estão inseridos.

Por fim, é necessário aproveitar a curiosidade dos alunos e abraçar as suas individualidades que podem contribuir e enriquecer as aulas de sociologia, a educação necessita ser centrada no aluno e no seu cotidiano para que realmente atue enquanto mecanismo de transformação revolucionária capaz de dar voz aos oprimidos e às “maiorias minorizadas” (SANTOS, 2020) que geralmente, não se enxergam na próprio grade curricular do seu sistema de ensino.

Reforça-se a necessidade de entender os desafios e potencialidades dos docentes jovens que estão sendo formados, o ingresso precoce na universidade entrega ao mercado de trabalho profissionais muito novos e isso no ambiente escolar pode ser uma experiência rica, com estigmas e catártica de novas ideias. De todo modo, é importante mais pesquisas e relatos para que esta temática ganhe espaço de discussão nos espaços acadêmicos.

REFERÊNCIAS

BISPO, Antônio dos Santos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

CASTRO, Jorge A. AQUINO, Luseni Maria. ANDRADE, Carla Coelho (ORG). **Juventudes e políticas sociais no Brasil**. Brasília: IPEA, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FUENTES, Patrick. **Números de jovens “Nem-nem” atinge menor patamar desde 2012, diz IBGE**. CNN Brasil, São Paulo, 04 de dez, 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/numero-de-jovens-nem-nem-atinge-menor-patamar-desde-2012-diz-ibge/#:~:text=Em%202023%2C%2010%2C3%20milh%C3%B5es%20de%20pessoa%20entre%2015%20a,grupo%20reduziu%204%2C9%25>. Acesso em: 16, maio de 2025.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017, 283p.

Estadão Conteúdo. **28,2 milhões de brasileiros não têm acesso à internet, diz IBGE**. INFOMONEY, 2022. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/consumo/282-milhoes-de-brasileiros-nao-tem-acesso-a-internet-diz-ibge/>. Acesso em: 07, janeiro de 2024.

FERNANDES, Florestan. **A sociologia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1976.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

IBGE EDUCA. **Conheça o Brasil – População**. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18318-piramide-etaria.html>. Acesso em: 16, maio de 2025.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. **John Locke e o individualismo liberal**. São Paulo: Ática, 2002.

SANTOS, Richard. **Maioria minorizada: um dispositivo analítico de racialidade**. Rio de Janeiro: Telha, 2020.